



NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO — Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13-3.º-D. — Telefone 27136.
 Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa
 Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Interesses Municipais

Associações Agrícolas

Dissemos, e repetimos, que, para a instalação e aproveitamento da energia eléctrica em algumas das freguesias do concelho, nomeadamente as mais importantes, se tornava indispensável a criação, naquelas mesmas freguesias (das quais as vizinhas, se podiam, para esse efeito, coligar) de associações agrícolas, cuja tarefa, sobre muitos outros aspectos ainda, seria da maior importância para a sua economia, vitalidade e desenvolvimento. A energia eléctrica, ao serviço da agricultura, exerce uma dupla função, utilíssima e primacial nos tempos modernos, ora para mais largo e fecundo engenho das condições naturais, ora em corrigenda dessas mesmas condições no que elas têm de desfavorável à lavoura. Com ser benigno, o nosso clima, pela instabilidade das correntes atmosféricas, pelas variações bruscas de temperatura, pelas contínuas mudanças de sol e de chuva, não é das mais favoráveis e por vezes mesmo até muito ingrato ao cultivo; e, com ser fértil, a natureza da nossa terra não pode considerar-se das mais viçosas e produtivas, ou pelo enchocamento das águas nos tempos chuvosos ou pela sua rápida seca ao cabo de poucos dias de sol e de vento. Temos ainda a considerar, como circunstâncias muito embaraçosas e nocivas, a consabida fragmentação da propriedade, por assim dizer pulverizada, a má distribuição das águas e a rotina da lavoura, que se faz por aqui em todo o concelho, nas mãos dos lavradores-casieiros ou de pequenos proprietários-lavradores, como no-la ensinaram o romano e o árabe. Com a energia eléctrica não só se accionavam máquinas para o desbravamento, retouço e lavra das terras, como para a sua irrigação, ou ainda para estufas de sequeiro, onde se salvassem as colheitas dos invernos precoces e continuados, como sucedeu ano passado, em que muitos milhos se deterioraram por não se poderem secar nas eiras ou apodreceram nos alpendres e espigueiros. E quantas outras aplicações feracíssimas! Mas, claramente, para meter ombros a empresa desta valia, só por meio de associações agrícolas. O distinto engenheiro agrônomo e silvicultor J. Vieira Natividade, que é também uma alma de artista (*O Mosteiro de Alcoaba*) diz com sobrada

autoridade: «O pequeno proprietário rural encontra-se numa situação desfavorável perante a complexidade das modernas circunstâncias económicas. O esforço individual é insuficiente, por mais intenso, por mais inteligente que seja, para atender aos múltiplos problemas da proveitosa produção e distribuição das riquezas da terra.» E conta o exemplo da Dinamarca, que tem um pouco menos do que metade do nosso país em superfície e em população, e que «é hoje o único país do mundo exclusivamente enriquecido pela agricultura». O agricultor dinamarquês aplica os métodos de cultivo mais aperfeiçoados. As produções por hectare são das mais elevadas da Europa, apesar da ingratidão do solo e do clima. É considerável a sua riqueza pecuária. A evolução não se limitou ao ramo agrícola. Tam harmónica foi que conduziu a estes resultados surpreendentes: «A Dinamarca é hoje o país que tem menos analfabetos; o que, sem proibição, consome menos bebidas alcoólicas; e o que tem ainda o mais baixo coeficiente de mortalidade!» Como se operou semelhante e estupenda transformação num país em decadência? «Foi o princípio associativo que salvou a Dinamarca da ruína» (*Associações Agrícolas*). Ora a verdadeira administração municipal, como a entendemos e defendemos, conhece estes problemas magnos e fundamentais, ataca-os de frente, vence as dificuldades — e resolve-as.

VÁRIA

Um Vimaraneses ilustre — Foi em Setembro de 1580 (15) que nasceu, em Guimarães e filho de vimaraneses, Agostinho Barbosa, que morreu, sendo Bispo de Unguento, no seu paço de Nápoles, a 19 de Novembro de 1649. Era filho do Licenciado Manuel Barbosa, afamado jurista, e de D. Isabel Vaz da Costa, neto do Licenciado António Barbosa e D. Catarina Barbosa, bisneto do Dr. Manuel Barbosa — Físico do Cardenal Infante — e de D. Branca Gomes Bravo, descendente de Martin Gomes, fidalgo asturiano. Frei Simão António de Santa Catarina, ao passar em revista nas *Orações Académicas* (Lisboa Ocidental — Na Oficina de Música — 1723) os portugueses notáveis desde o começo da nacionalidade até então, refere-se-lhe nestes termos:

«No Direito Canónico havia homens de conhecida grandeza, mas tudo era pouco comparado com Agostinho Barbosa porque os seus escritos servem por uma completa livreria deste género. Foi em Roma Protomotário Apostólico e Consultor da Congregação do Index, em que mostrou a vastidão das suas notícias canónicas. Quem nos deu verdadeira informação foi Jano Nício Erites, que falando dele diz assim: «Comia uma só vez no dia; não tinha livro algum; era dotado de uma memória tam grande, tam singular e tam incrível que não só lhe servia de livreria, mas excedia as livrerias de todos. Com todos os livros de Roma contraiu estreitíssima amizade pela inocência e suavidade dos seus costumes, que cativavam os corações. Um dia entrava

na loja de um livreiro, outro na de outro; sentava-se a ler de manhã até à tarde. Tudo o que lia tomava de memória, que era tam viva e prodigiosa que, voltando para casa, não só escrevia as opiniões, mas também a ordem das regras e dos números.»

Este é o juízo que dele fez um agudo Italiano, e sem dúvida que soava por todo o mundo de tal sorte a sua grande compreensão que Filipe IV o nomeou Bispo de Unguento, cuja dignidade não ocupou mais de sete meses, invejosa certamente a morte de que estivesse no trono Episcopal um Prelado sem controvérsia doutíssimo.»

Era duma Família em que havia a Nobreza do Talento, a Aristocracia do Espírito, de gente letrada. Seu irmão, o Dr. Simão Vaz Barbosa é o autor dos *Axiomas de Direito Civil*.

De Francisco Rodrigues Lobo:

4) — Os Embaixadores sejam escolhidos de sujeito acomodado ao negócio — meterem em cortezania o que puderam estranhar com arrogância — acertar em — a eleição do tempo: escolha, selecção — ficamos esta noite camarço (termo do jôgo dos tentos; fazer camarço é fazer tódas as vasas), sem nenhum de nós fazer postoleta: (Vide Bluteau, ed. de 1720, Letras O. P., pág. 535) — borbusinha — a confiança que fizer do meu moço — se matou de pesar — desejando vingar-lhe a morte por preço de sua vida — o melhor do recado é ser tam breve, que o possa dar quem o leva, e tam claro, que o entenda sem trabalho a quem se manda — tanto se contenta o discreto da boa razão alheia, como o néscio da sua ignorância própria.

Notas dispersas — «Até agora o que tem feito seria a vida é o perigo, e o que a tem feito interessante é ser séria. Mas é iniludível este dilema? São necessários os aspectos mais negros da vida para lhe conservar o que ela tem de melhor? Não o creio. Se a natureza humana não variasse, como ainda o supõem os ignorantes, a situação seria desesperada. Mas nós agora sabemos, graças aos psicólogos e aos filósofos que a «natureza humana», como nós a consideramos, compõe-se de um décimo de natureza humana e nove décimos de educação. O que se chama natureza humana é susceptível de mudar-se pela educação dos primeiros anos. E tais alterações podem conservar o atractivo da vida sem o estímulo do perigo e sem que este absorva espirito e energia. Duas condições são necessárias: o desenvolvimento dos impulsos constructivos dos jovens e as oportunidades para a sua existência, quando sejam adultos. Até agora o ataque e a defesa têm sido a única coisa séria da vida. Nós temos-nos defendido contra a miséria: nossos filhos contra o mundo indiferente: nossos pais contra os inimigos nacionais: atacamos, por palavras ou actos, aos que consideramos hostis ou perigosos. Há, porém, outras fontes de emoções igualmente poderosas. As emoções da criação estética ou dos descobrimentos científicos podem ser tam intensas e absorventes como o mais apaixonado amor. E o próprio amor, ainda que tirano e que oprima, pode também ser criador. Com uma educação adequada, uma grande percentagem da humanidade poderia interessar-se em actividades constructivas. E chegamos à segunda condição. Deve haver lugar para a iniciativa constructiva, além do trabalho útil determinado pela autoridade superior. Não deve haver impedições, limites ou embaraços à criação artística ou intelectual, nem para as relações humanas de género constructivo, nem para a exposição de processos tendentes a melhorar a vida humana. Neste caso, mas só neste, será estável uma comunidade organizada para a eliminação dos principais males da existência. Organização forte, mas não excessiva ou absorvente — porque essa eliminaria o esforço individual.»

(Bertrand Russell).

De Manuel Bernardes: «O mundo é mar, a ambição é sede. Não me espanto que o ambicioso se não sacie com os bens do mundo, porque a água salgada não apaga, antes acende as securas. Impossível é apagar bebendo, a sede que nasce de beber: e satisfazer possuindo, a cobiça que nasce de possuir. Não emendarás a língua, enquanto não emendares o coração. E porque

uma vez emendado o coração, somos perfeitos, por isso disse o Apóstolo Santiago: Que quem não tropeçasse na palavra, era varão perfeito.

Os grandes do mundo são escravos da sua grandeza. Não se podem arrojar, sem levar consigo tantos grilhões e bragas, quantos pontos de honra e razões de estado. Se descaissem do estado, ou o renunciassem, então ficariam forros.»

O mundo faz bem em pensar cada vez menos, porque pensar é cada vez um martírio maior.

— Andas triste? — perguntou certo sujeito a outro, mais idoso e macambuso.

— Nem isso — respondeu aquele. O que vês na minha face não é tristeza — mas a sombra dos anos. A tristeza marca inteligência — e sou gasto. Denuncia reacção contra o mundo sensível — e o mundo perdeu a sensibilidade moral.

— Mas, nesse caso... — Os anos começam a pesar-nos quando se nos apaga a compreensão da vida. O que te parece vêtu de tristeza, é já o frio da morte. Queres latim? *Difficile est tristis fingere mente jocem.*

Gazetilha

Embora seja indecente, eu, um cidadão pacato, já confesso a tódas a gente que nunca fui um valente, nunca entrei num desacato.

Se vejo um barulho aqui, inda que seja só sóco, fujo logo por ali, pelo que já mais senti que seja comer de côco.

E se tu, leitor, quizeres conselho para futuro, banzé, nem entre mulheres, as pernas, para que as queres? — põi o corpo no seguro.

Eu que tenho muito tento, e que assim sempre aconteça, té sinto constrangimento quando vejo um sentimento que só nos dá na cabeça.

Ao papo-sêco passar de cara risonha e lèda, ponho-me a parafusar onde irá êle parar de camisinha de seda,

porque ela assim relizente, de tom vivo e faiscante, faz mofofa a muita gente e torná-la mesmo crente que o mentiro é irritante.

A's vezes, pode-se dar, haver alguma macaca, a reacção levantar e no fim de batalhar dar mas é fundo na saca.

Por isso, digo e repito com o maior lealismo, que não é bom nem bonito apanhar algum soquito, é melhor o comodismo.

Camara Dão.

Vaidade das vaidades...

Pelo simples facto do sr. Manuel de Guimarães ter sido o propagador, propugnador e propulsor do Monumento aos Mortos da Grande Guerra e se haver aceite a sua colaboração neste jornal, não quer dizer que sempre estejamos dispostos a deixar passar as suas invectivas e acrimónias, uma vez que a sua estulta vaidade — e oh que vaidade das vaidades! — se condiciona na razão directa da inconveniência e na inversa do quadrado das distâncias, para, a coberto de uma campanha que lhe devia merecer maior respeito, de pena em riste vir agravar quem se não sujeitou às suas considerações, nem se arrecoou dos «cúmulos, cirros, estratos e nimbos» tomados por Juno. O sr. Manuel de Guimarães tem escrito muito!

Os anos que lá vão!...

Recorda-se você do pic-nic Que há trinta anos — ou mais! — realizamos? Você vinha elegante e tódas chic Quando os dois, na Avenida, nos juntamos...

Ai! o seu vestidinho — que levêsa! — Dum beije desmaiado, de setim! Parecia você uma princesa Ao vê-la tam bonita ao pé de mim!...

Metemos por carreiros, campos fóra, O seu braço seguro no meu braço... Rompia em oiro e jaspas a luz da aurora, Trinavam cotovias pelo espaço.

Chegados ao sopé da Penha, então Olhamos um p'ra o outro num desejo, Que nossas bocas, loucas de paixão, Uniram-se a cantar num longo beijo!

Foi o pequeno almôço... Que sabor!... Trepamos a montanha enlouquecidos... Chegamos sem fadiga, sem torpor, Com o cantar do beijo nos sentidos...

A' sombra duma rocha gigantesca Sentamo-nos ali, muito unidinhos... Uma aragem corria branda e fresca, Vinha até nós um cheiro a rosmaninhos.

Ficamos assim horas, enlevados, Como que concentrados numa reza... Depois... nossos manjar's, aprimorados, No seu regaço abriu, e fêz de mesa...

Comemos e bebemos satisfeitos! Aquêlê vinho branco, cristalino, Refrescava, cá dentro, os nossos peitos E do copo, ao sair, cantava um hino!...

Eu recitei-lhe versos, docemente, Do Cezario, do Nobre, do Quental, E você escutava atentamente, Num bem-estar d'amor 'spiritual!

O sol já no poente agonizava, — Há pouco tam alegre, tam risonho! — E minh'alma mais versos recitava A enlevar sua alma no meu sonho!

Setembro de 1936.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

De há 3 anos a esta parte, vem-se desunhando em mostrar o seu valor como homem sabedor do manejo da «pêna»; afuroa-se nas investigações da accção do 20 para, em cada semana, repetir o que já relatara na semana anterior; apaixonadamente desenvolve os temas da sua simpatia; tece rasgados elogios para que, como na história dos dois compadres, o elogio também; pesquisa, indaga e escreve...

Coartar-lhe o direito de escrever, não... — mas, chamá-lo à barra do senso para lhe limpar as furfurações que o levam a considerar de *mediocres* todos aqueles que, eleitos pelas forças vivas da Cidade, se entregam à espinhosa missão de angariar os fundos necessários para a construção do Monumento — compreende-se. E continue a escrever...

Francisco Pinto Rodrigues
 Advogado
 R. Gravador Molarinho — Guimarães
 TELEFONE 172

Quem avisa...

Quando nos referimos ao aspecto verdadeiramente miserável daquela casa da Rua de Francisco Agra, longe estávamos de imaginar que, com o jornal já composto, se assistiria ao desmoronamento da mesma, ocorrido na semana finda.

Bem se diz: «quem avisa...» — e o facto deu-se por negligência não sabemos de quem, apesar de em devido tempo a Comissão da Sanidade o ter verificado e o respectivo senhor ter decidido a construção de novos prédios desde que lhe fôssem retirados os inquilinos que nenhum rendimento proporcionavam.

Mas, teimou-se, e viu-se o estalar de madeiras por entre núvens de pó.

Atitude inexplicável

A leviandade incorre, as mais das vezes, no erro. Princípio estabelecido, verdade assente, o mal surge sem que se vinda-dagar das causas que o determinam e das razões que o provocam, gerando a cegueira que apaxiona e desorienta.

Concluamos e ver-se-á como assim é: — O ocorrido no último domingo, quando lavrava o incêndio de Nespereira, revelou da parte do piquete dos Bombeiros de Vizela não só

desobediência mas até uma atitude insólita. Sempre nos tem chegado aos ouvidos a praxe do comando mais antigo e o dever de inteligência entre duas corporações que o acaso conduza ao mesmo local de sinistro. Pois muito longe daquilo que era de esperar, o referido piquete não só desobedeceu ao comando mais antigo como teimou em manter-se isolado — embora o contrário lhe solicitassem. E vai daí, logo os solícitos correspondentes fizeram gemer os prelos de prosa verrinosa, como se o simples incidente de desobediência fosse um temporal desfeito sobre as altas labaredas de muita palha que ardia, depois de já arditos os prédios.

Bem fez a nossa Corporação em varrer a testada, apresentando o seu protesto junto de quem de direito.

Ao sr. Comandante da Polícia

De novo a rua de Paio Galvão se vê transformada em Praça de Peixe, procedendo-se ali à venda de sardinha como em lugar apropriado. De quando em vez, as históricas sardinheiras exorbitam da licença que lhes é concedida e vá de perder o medo à multa e o respeito aos guardas que por aquelas paragens façam o costume giro.

Nem sempre galinha, nem sempre sardinha!

ITINERARIOS

IV

Ti Bárbara sorria, mas duas lágrimas tristes de saudade perlavam-lhe os olhos sempre vivos. Foi então, sem me distrair, que a senti entrar — e, antes ainda de a ver, inefavelmente a vi. Na sombra calma e fresca da cozinha, olreava um esplendor aureolar, tocado de rosada suavidade; o lume, sobre a pedra negra do lar, fagulhava cintilantes de rubis em salvés de adoração, e o fumo branco do vapor, a escoar-se dos anafiados potes, como se espiralava, azulscia e dobrava muito langue, a envolver-nos caricioso; viera a saudá-la, das bandas da horta, como a desprender-se da ladainha murmura da fonte, uma namorada trova da carriça — e todo o ar, no brando perfume das ervas montesinas, clareado de graça, se abria em florescência primaveril à aparição milagrosa. Era a mesma, era outra, aquela neta da Ti Bárbara? — Ai de nós!, velhos, que já não sabemos contar os anos da gente moca... Talho helénico de escultura sã e robusta, cinta apertada e estreita, os quadris fortes, ombros largos, o seio ondulado e duro, o pescoço alto, a pele macia e fina como de polido mármore; sobre os cabelos fartos, de loiro atrigueirado, atara, em duas pontas de asas de borboleta, o lenço verde de ramagens escarlates, como sobre o colo gracil, por cima da camisa de linho, muito alva, de punhos e gorgéia de renda, a atar em nó nas costas do corpete branco entrelaçado a retroz policromático, outro lenço amarelo com ramos e franjas coloridas; a saia larga e refolhada, a chinelinha tairoqueira. Sob o império e a fascinação da beleza, da mocidade e da graça, levantei-me, respeitoso e humilde, para a cumprimentar. Mas que deliciosa imensidade de sonho no ambar negro dos seus olhos, com irrisações esverdeadas e violáceas! E a linha subtil da sua boca pequenina, dos seus lábios veludosos e finos que nem a pétala dobrada da rosa... E a magia feiticeira do sinalzinho na face, que lhe dava o tom do mais aristocrático sorrir... E a saúde de manã limpida, a castidade forte e miraculada... Instintivamente resei, antes de tornar a sentar-me — pois já a Ti Bárbara trouxera mais duas tijelas de caldo e me servia a travessa do cosido, os lindos versos de *Junqueiro*

«Mendigo d'olhos sem esperança,
Vais-te perder na escuridão...
Entra em meu lar: dorme, descansa...
...Deixa dormir como em menino
— Teu velho e exausto coração!...»

Cá fora, o terraço seco e nu, o alpendre de cantaria com orripado vermelho e portas erguidas, a eira ladrilhada em granito, os campos de milhos de verde bronzeo mais o alegrete dos pendões, as árvores de pele engelhada e escura, com sulcos de nacar, erguendo as grinaldas dos pámpanos, donde escorriam os cachos das uvas; mais longe, acima das franças do arvoredo, os montes acinzalhados no seu despimento de vegetação, o cerúleo plúmbeo do céu — tudo parecia abrasado no dilúvio de fogo sob o sol pleno. Em frente de nós, maternal, a Ti Bárbara servia-nos aos dois (à neta confiara apenas o encargo de me deitar o vinho) mas estávamos tam juntos que só de beber-lhe o ar me saciava; e sentia-me numa serenidade tam calma, (infinita, queria dizer),

tam simultaneamente feliz e triste que me absorvia adoradoramente em êxtase religioso. No olhar, com que a Ti Bárbara olhava a neta, eu lia a sua vida de dedicação materna — aquelas horas de escondido sobressalto quando aos moços e mças chega a hora do mal sagrado do amor. Adivinho-a de noite, olhos abertos no catre, na escuridão pesada do silêncio e da fadiga, a interrogar-lhes o sono inquieto, os suspiros nervosos, as respirações ansiadas. Surpreendo a sua alma atenta, de experiência e de cuidado, a debruçar-se à escuta daquelas almas estremecentes e aflitas. Sigo os seus olhos que de longe vigiam, e sempre os acompanhavam, e procuram decifrar os sorrisos, adivinhar as lágrimas e saber os segredos; vejo-os a afoitar quando é bem, a raliar quando é mau, a aplinar as asperzas do caminho e a esconder os resvalos do precipício. Como lhe bate o coração à Ti Bárbara nesse doce e cruel martírio do amor materno! Primeiro os irmãos, depois os filhos e os netos, agora... Amor e trabalho, amor e silêncio, amor e amor, amor e morte — e ainda amor. Ainda amor porque ele fica, não em cinzas mortas e frias, mas em sangue e alma no sangue do coração de seus filhos — das suas filhas e das suas netas. Eu como o filho já bater, vivo e puro, cheio de luz e de virtude, no pequeno coração alado e risonho desta sua neta, que tenho aqui sentada à minha beira, tam adorável e encantadora.

— «Ti Bárbara, fiz mal em visitá-la...»

— «Já me começa, assim, a agradecer? Espere que não vai ainda embora.»

— «Pois em o ter de me ir embora, agora ou muito logo, está o mal da visita. Há certas horas, muito raras, pela vida fora, em que a gente devia morrer — para viver só essas e não outras mais, nunca. Ser assim sempre, parado e quieto, como é na morte, sem ver já do passado o caminho andado e sem o amanecer de novos caminhos para andar.»

Eduardo d'Almeida.

CASA. Aluga-se no Campo do Salvador. Tratar com José André. (174)

A PENHA E O SEU ISOLAMENTO

Uma entrevista oportuna

De há tempos a esta parte que chegavam até nós uns zuns-zuns sobre a solidão e isolamento em que se encontram todos aqueles que procuram instalar-se no Hotel da Penha, solidão e isolamento que se reflecte indubitavelmente no bom nome da nossa Terra, alicerçando-se em razões de ordem puramente turística o descontentamento que se iniciou e tomou vulto.

Tirados dos nossos cuidados, resolvemos ouvir de viva voz os queixosos e indagar da veracidade de tal campanha, procurando colher informes seguros acerca de tam magno assunto.

Ao primeiro hóspede do Hotel que pudemos abordar, o sr. Aventino Fernandes da Silva Lage, recém-vindo do Brazil, disparamos-lhe a pergunta que satisfizesse a nossa curiosidade.

— «Que nos diz das suas impressões colhidas na Penha?»

— «Oh, meu caro senhor! Isto, é na verdade, um lugar de eleição! Como homem viajado, dir-lhe-ei: trata-se realmente daquela maravilha que se apregea, um édem terrenal. Merece a visita de quem a não conhece, quer pela grandeza de panorama quer pelo muito de belo que dentro de si encerra.»

— «E tem encontrado as comodidades requeridas para as pessoas que se utilizem de uma estância de Turismo?»

— «Eu lhe digo: o serviço hoteleiro é modelar, graças à competência do sr. Manuel Gonçalves que é sabedor do seu mistér. Tratamento e conforto absolutos. Não se pode ser exigente para quem sabe desfazer-se em vontades e gentilezas. Há, porém... Não sei se deva tornar público a minha opinião no que diz respeito a Turismo, propriamente dito.»

— «E' essa a razão que aqui nos trouxe...»

— «Então lá vai... A Penha enferma de uma grande falta de atenção por parte do Turismo. Aqui em cima, vive-se isolado, completamente isolado, sem poder comunicar-se com o resto do País. Não há

um meio de transporte regularizado; não há correio que não seja pago ao portador; nem os jornais chegam a tempo de satisfazer a nossa curiosidade! Habita-se um érmo, e fica dito tudo. Há dias, na séde do Turismo, apresentei estas mesmas razões, no desejo de inquirir onde era aplicada a percentagem que vimos a pagar para o Turismo. Fôram-me aduzidas razões que não percebi, tamanhos os dislates que feriram os meus tímpanos. E perguntei a mim mesmo: o Turismo desta estância será diferente daquêle que se exerce em qualquer outra parte? — Francamente: sem outras distracções que não sejam as que nos oferece a montanha soberba e majestosa, já como poder viver aqui, onde se é obrigado a gastar Esc. 40\$00 para conseguir fazer uma barba?! De resto, o Turismo não se fêz para obter lucros. Ao Estado compete remediar o mal, distribuindo com parcimónia os lucros que possa obter de outras zonas mais rendosas e cobrindo os deficits das zonas, como esta de que vimos tratando, onde a receita não é munificente ou diminuta ainda.

Estava satisfeito o nosso interesse. Não eram infundadas, portanto, as malicências postas a correr mundo à boca pequena.

Pode-se afirmar: A Penha não oferece as comodidades requeridas a uma estância de Turismo, enquanto a Comissão respectiva se não vencer de que, do seu isolamento, poderá advir o mais completo abandono. Procuremos remediar o mal!

Aviso

Os comerciantes abaixo assinados, representantes das classes-mercadores de tecidos d'algodão e lã, — em reunião conjunta realizada na sua Associação, resolveram que a partir de 1 de Outubro p.º ft., deixem de circular os cartazes referentes aos artigos de algodão e sêda.

As inúmeras despesas que os mesmos acarretam, aliadas a contra tempo de toda a ordem, foram causa desta resolução.

Esperamos que os Ex.ºs clientes compreendam que só a força destas circunstâncias a determinou.

Guimarães, 19 de Setembro de 1936.

- Alberto Pimenta Machado (Filial).
- Albino Rebelo & C.ª
- António da Silva Xavier.
- António d'Arvalho Salgado & C.ª
- António Pimenta.
- António V. dos Santos & F.ºs
- Benjamin de Matos & C.ª L.ª
- Manuel Pinheiro Guimarães & C.ª
- Sucrs.
- Oliveira & Silva, Sucrs.
- Paulino de Magalhães.
- Roberto Victor Germano, Sucrs.

Dos Livros. Dos Jornais.

Noções sobre o Fabrico do Vinho de Pasto — palestras por Albano Homem de Melo. — Enderegado pela Secção de Propaganda da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal, o folhet que temos presente é um auxiliar valioso para o progresso da vinificação não só pela técnica que difunde mas também pela clareza de linguagem com que apresenta as noções basilares sobre o aproveitamento das massas vínicas do País.

Ao lê-lo, no interesse de quem não perde o hábito do Estudo, recordamos com saúde os tratados do grande mestre de Agronomia, João da Mota Prego, lembrados e trazidos à memória como uma das mais gratas recordações da nossa infância, onde a simplicidade da frase e o proveito são dos ensinamentos nos recrearam o espírito pelo mimo do entreccho e facilidade de apreensão.

O Engenheiro Agrônomo, sr. Albano Homem de Melo, publicando em folheto as suas palestras, conseguiu apresentar um notável estudo e prestou um relevante serviço aos vinicultores portugueses, tanto mais que o diálogo dos seus capítulos é preciso, bem deluzido e é conveniente. As suas palestras são iniciadas com um ligeiro estudo sobre o cacho e fenómeno de fermentação, ampliando-se em conhecimentos acerca dos trabalhos preliminares das vindimas (tratamento de vasilhas e material vinário), compreendendo além dos trabalhos de vinificação propriamente ditos o do seu modo operativo, tendo sempre o cuidado de fazer realçar o melhor rendimento dos seus ensinamentos e empregando a propósito os registos dos seus conhe-

cimentos analíticos e observações experimentais.

Entendemos, para bem de proprietários e lavradores, que a aquisição deste folheto deve ser feita sem demora, quer pela vantagem da lição ministrada quer pelo critério orientador com que é feita a sua divulgação.

Penha de Amor e de Saúde — Cânticos em prosa de João C. de Vasconcelos. — Quem já leu a "Gruta da Nossa Senhora do Carmo da Penha", do P.º Caldas, ao maucear o livrinho que João C. de Vasconcelos escreveu logo encontra grande disparidade entre estes dois roteiros da nossa soberba montanha, ainda mesmo que seja estabelecido paralelo entre a austeridade e poesia de uma e outra prosas.

A *Penha de Amor e de Saúde* tem muitas deficiências e é exabundante de trópos, razão pela qual a consideramos inferior perante a majestade da nossa Serra de Santa Catarina, digna em verdade de uma obra de tómo e traçada pela mão de um Mestre.

L. C.

BICICLETA

Vende-se uma em bom estado. Informa-se na redacção deste jornal.

Farpas

À la Arriba!

Aqui estou, ao abrigo do *Guarda-sol*, a preparar estas *Farpas*. Só agora pude arranjar uns dias tranquilos para vir até estas paragens da beira-mar a fazer o meu costumeado tratamento de duches. Esta demora já tinha causado estranheza ao sr. Francisco dos banhos quentes, homem simples e familiar que me manifestou a sua satisfação por me ver, agora, na Póvoa do mar.

Como me tinha dito o Romualdo, amigo dedicado, nota-se grande movimento em frente ao Casino magestoso, na preparação do que há-de ser o futuro porto de pesca. Maquinaria diversa prepara os blocos que hão-de conter a fúria do oceano enquanto brigadas de trabalhadores vão lançando os alicerces dos novos cais. Ali passei já algum tempo a contemplar toda aquela maquinaria gigantesca, que constitue, também, um passatempo para os que gostam do ar livre e se extasiam a contemplar o movimento incessante das ondas que ora esbravejam de encontro à penedia, ora beijam suavemente as areias da praia e as pernas das raparigas que se afoitam às carcias do mar.

Aqui, do *Guardasol*, vejo passar esses ranchos alegres de crianças e raparigas que vivem, nesta quadra, a vida livre e sábia do areal, rostos e corpos morenos, estorrrinhados pelo sol, já agora de intensidade bastante débil.

Na minha frente palra um grupo de raparigas que me dizem ser de Guimarães. Acompanha esse grupo uma senhora viúva, alta e forte, muito conversadeira. Fazem parte desse grupo umas raparigas de estatura razoável e uma delas, segreda-me um vizinho do lado, foi eleita *Miss Casino*. Parabéns, pois, às raparigas de Guimarães que conquistaram neste ano a distincção de serem eleitas *Miss* sua sua patricia. Agora o *Guarda-sol* anima-se, fala-se de namoros, fazem-se flirts; — as raparigas enfeitam-se, abrem-se as calxinhas da saúde, pintam-se os lábios, — horrível moda — e eu vejo-me obrigado a dar por findas estas *Farpas*.

E até à semana.

Póvoa de Varzim, Setembro 20, de 1936.

X. X.

INCENDIOS

No domingo à noite manifestou-se um violento incêndio na freguesia de Nespereira, deste concelho, em propriedades pertencentes a Sr.ª D. Amélia Pires de Sousa e aos srs. Joaquim de Sousa Pinto e António Silva, tendo sido elevados os prejuízos. Compareceram os Bombeiros Voluntários desta cidade e de Vizela, tendo havido uma lamentável incorrecção da parte de um elemento desta última corporação, o que deu motivo a acres comentários e originou o seguinte officio enviado pelo comando dos Voluntários de Guimarães ao comando dos Voluntários de Vizela:

Guimarães, 21 de Setembro de 1936.

Ex.ºs Srs. Comandantes dos Bombeiros Voluntários de Vizela

Caldas de Vizela.

Tendo havido, desde sempre, entre as nossas duas corporações, a mais cordeal camaradagem e a melhor das harmonias ao conjugar, em seus desinteressados esforços a bem da salvação pública, lamento profundamente que no incêndio ocorrido na noite passada, na freguesia de Nespereira, V. Ex.ªs, não estivessem ali presentes para, de viso verificassem a desagradável atitude assumida por alguns elementos menos reflectidos da Corporação de Vizela, ao recomendar-lhes, para melhor organização de serviços, a simples mudança de uma moto-bomba.

Juntamente com o meu colega Sousa Lima, primeiro voluntário que compareceu no incêndio, esperamos dever prestar-lhes todos os esclare-

cimentos precisos e testemunhados sobre tão insólito e inexplicável procedimento.

A Bem da Nação e da Humanidade.

Guimarães, e quartel dos Bombeiros Voluntários, 21-Setembro-1936.

O Comandante,

(a) JOSÉ DE PINA.

* * *

Os proprietários srs. Joaquim de Sousa Pinto e António da Silva, offciaram à briosa corporação dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, agradecendo a maneira como esta corporação dominou o incêndio ocorrido nas propriedades de Pinheiro de Baixo e Pinheiro de Cima, na freguesia de Nespereira, deste concelho, como acima noticiamos.

Também na terça-feira, ao fim da tarde, se manifestou um violento incêndio no histórico convento de Pombeiro, em Felgueiras, hoje propriedade das famílias Pereira Mendes e Martins Fernandes, desta cidade, tendo sido pedido os socorros dos nossos bombeiros, que para ali seguiram imediatamente, auxiliando os seus camaradas de Felgueiras na extinção das chamas que devoraram uma parte do grande edificio e carbonisaram oito cabeças de gado. Os prejuízos foram importantes, a pesar-da rapidez com que os socorros foram prestados e dos magníficos serviços das duas corporações.

Em Vila Nova de Famalicão

Festas de Setembro

Prosseguem com entusiasmo os preparativos para as grandiosas festas que se realizam nos dias 29 e 30 do corrente e que este ano serão revestidos de um esplendor desusado. Para as ornamentações e iluminações que serão quanto há de mais atraente e vistoso, trabalha-se afanosamente, muito concorrendo para o bom êxito a superior direcção de Adolfo Lima, pessoa escolhida para dirigir os trabalhos e cuja competência ninguém nega.

Os artistas cenográficos encarregados das ornamentações e iluminações que se verificarão no Campo Mouzinho, ruas 5 de Outubro e Adriano Pinto Basto, Praça 9 de Abril e na grande e majestosa Avenida da República, são dos melhores no género, tudo fazendo prevêr que os festivais serão de um brilhantismo jamaiz atingido em festivais minhotos.

Tomás Costa, o conhecido cenógrafo que todo o país admira, esforça-se por firmar mais ainda o seu gosto artístico.

A Casa Souto, do Pôrto, já tam acreditada no género de iluminações, que são sempre de um assombro digno dos maiores elogios, prepara-se mais uma vez para receber os aplausos do público a que sempre tem incontestável direito.

O concurso de gado bovino a que concorrerão os lavradores da região, está despertando entre a lavoura do concelho um vivo entusiasmo, já pelo número elevado de concorrentes, já pelos prémios que serão conferidos aos melhores exemplares, esperando-se farta concorrência do ramo agrícola, que nestes concursos se exhibe com grande esmero.

A grande prova ciclista está despertando também um grande movimento de simpatia entre os velocipedicos nortenhos, achando-se já inscritos concorrentes de todo o país. Esta prova, que será de 150 quilómetros, terá início na grande e soberba Avenida da República, onde este ano se realizarão os grandes festivais nocturnos, tomando em conta que é esta artéria a maior e mais espaçosa, cuja ornamentação e iluminação serão de um brilho nunca inextinguíveis.

As quatro bandas de música que tomarão parte nos arraiais de 29 e 30, serão das melhores e ainda desconhecidas do nosso público.

Os fogos de artifício, que serão confiados aos melhores pirotécnicos, serão queimados nas duas noites e constituirão um dos melhores números do surpreendente programa.

Enfim, tudo se conjuga para que as festas deste ano sejam deslumbrantes e fiquem marcando como as melhores do norte do país. E, para que isto seja um facto, trabalha a Comissão com afinco e acêrto, não descurando o mais insignificante pormenor a fim de que os milhares de visitantes que sempre costumam concorrer a estas deslumbrantes festas, dali regressem a suas terras, bendizendo o tempo que entre os famalicenses passaram.

Maria Celina Dias de Castro Fernandes

AGRADECIMENTO

Seu pai, avó, tios e mais família, confessam-se muito penhorados a todas as pessoas que os acompanharam no seu grande desgosto, apresentando-lhes cumprimentos e tomando parte no funeral da inditosa Maria Celina, e vêm, por este meio, manifestar a todos a sua gratidão.

Guimarães, 24 de Setembro de 1936.

A maior sombra

(Excerpto do inédito BAILADO DE SOMBRAS, em preparação)

*Um oceano de treva
Envolveu a consciência
Colectiva
Do Mundo vil
Corrompido.*

*E é por entre tal negrume
Rude maldição dos Céus
Que o Homem marcha na terra
A Vida ceifando vidas
Na vã carnagem da Guerra.*

A alma ruge de Dor...

*E então sinto-me irritado
Porque penso
Que hei-de sofrer
Sem um protesto ou clamor
Que o gélido e cruel gume
De baionetas homicidas
Venha trespassar-me o corpo.*

*Este corpo
Belo e forte
Que me deslumbra
E transforma quasi em Deus;*

*Este corpo
Perfumado
Por mil beijos de Mulher;*

*Este corpo
Que eu adoro com prazer
E encharcado
De desejos
Só de Amor
Conhece a morte...*

*Aquele torpor suave
Que nos faz adormecer
Beijando a boca
Sensual
Que inda promete e sorri!*

*Adormeci
E sonhei...*

*Sonhei
Que a Humanidade inteira
Tinha por lema
A Bondade.*

*E a sonhar
A' bendita claridade
Da Razão
Da Justiça
E do Amor
Em doce fraternidade*

*Eu cri nos homens
Em Deus*

*Bendisse a Terra e o Espaço
E os Mares
Que apertam
Em franco e suave abraço
Os mais vastos Continentes*

*Traços negros de união
Para o Progresso dos Povos.*

*E beijam
Numa ternura sem fim
Com requintes sempre novos
Aqueles plagas ardentes
Que o Sol caustica, feroz.*

*Se a Humanidade era assim
Eu amava-a tanto a ela
Como a Deus*

*Mas, ai de mim
E ai de vós!*

*Um vivo prolongado
Brutal
De mau goirol
Despertou do Sonho de ouro
O místico Poeta
Imerso em sono profundo.*

*E então
Sinistra realidade
Projectou-se pelo Mundo
A sombra, em cruz,
De uma baioneta*

*Sinal de Guerra
E Maldade*

E a maior sombra na Terra.

*Regressei à vil mentira
E fiquei mais irritado
Porque pensei
Com horror
Ver o meu filho soldado*

*Activo
Viril
E forte*

Ir seus irmãos combater

*Empunhando
Com rancor*

Uma baioneta de morte

*Matando
Para viver...*

Lisboa, 1936.

Altino Gonçalves.

BOLETIM ELEGANTE

António José Pereira de Lima
Veio à nossa redacção apresentar-nos os seus cumprimentos...

Dr. Alfredo Peixoto
Com sua ex.ª esposa partiu para as suas propriedades de Baião, Taipas...

Delfim de Guimarães
Esteve entre nós, no passado domingo, o nosso ilustre colaborador sr. Delfim de Guimarães.

Freitas Soares
Também esteve em Guimarães, no passado domingo o nosso ilustre colaborador sr. António de Freitas Soares Júnior.

António Leite de Castro
Vimos há dias nesta cidade o nosso distinto contrarrêneo e abastado capitalista sr. António Leite de Castro.

Partidas e chegadas
Regressou, com sua família, das Caldas das Taipas, o nosso amigo sr. José Jacinto Júnior.

Encontra-se em Vizeu a família do estimado industrial e nosso amigo sr. Antero Henriques da Silva.

Regressou de S. Pedro do Sul, onde esteve a veranejar, o nosso presado amigo, sr. José António Xavier de Matos Guimarães, empregado da casa bancária Sousa Júnior, Suc.

Regressou de Espinho, com sua esposa, e nosso amigo, sr. João Dias de Castro.

De visita ao nosso presado amigo, sr. Arnaldo Alves de Freitas, estimado funcionário dos Estabelecimentos Produtores do Ministério da Guerra, e a sua ex.ª esposa, que se encontram na sua Quinta da Herdade, estiveram ali o sr. Abel de Freitas Aguiar, importante comerciante em Lisboa, e sua gentil filha, a ex.ª sr.ª D. Elia de Freitas Aguiar.

Partiu para as suas propriedades das Travassas, freguesia de Santa Leocádia de Briteiros, com sua família, o nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Pereira de Carvalho, conceituado negociante de ourivesaria.

Também partiu para a Póvoa de Varzim, a estimada família do nosso estimado amigo e acreditado negociante de ourivesaria o sr. João António da Silva Guimarães.

Esteve na quinta-feira nesta cidade o nosso amigo Sr. João Mota Lemos Amcorm, proprietário, residente na Lixa, Felgueiras.

Com sua ex.ª esposa regressou de Espinheira, onde esteve a veranejar, o nosso amigo sr. José Faria Martins.

Doentes
Tem passado bastante incomoda do o nosso amigo sr. Francisco da Silva Correia. Desejamos o seu pronto restabelecimento.

Nascimento
Teve a sua delivrance dando à luz uma criança do sexo feminino a esposa do sr. dr. Mário Dias de Castro, Delegado de Saúde neste Concelho.

Aniversários natalícios
Fêz anos na quarta-feira passada, dia 22, o nosso prezado amigo sr. Lúcio Carvalho, sócio da empresa do Café Oriental, a quem por tal motivo felicitamos.

Dr. Américo Durão
Encontra-se a veranejar, em Espinho, com sua ex.ª esposa, o ilustre Poeta e nosso querido amigo, sr. Dr. Américo Durão.

Dr. Pacheco de Miranda
Encontra-se a veranejar, com sua família, na sua Quinta de Batoucos, o nosso querido amigo, senhor Dr. José Guilherme Pacheco de Miranda.

Dr. Eduardo de Almeida
Esteve entre nós na quinta-feira, o nosso ilustre Amigo e distinto advogado, senhor Dr. Eduardo de Almeida, que, como já noticiamos, se encontra a veranejar nas propriedades da Freiria.

Cónego Vasconcelos
Vimos em Guimarães, na quinta-feira o nosso distinto amigo, sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos que, como já noticiamos, se encontra nas suas propriedades de Sande.

Dr. Ferreira da Cunha
Com sua ex.ª esposa regressou de Vila Conde o ilustre clínico sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Governador Civil
Nas Caldas das Taipas e no Hotel das Termas foi, ante-ontem, oferecido um almoço ao sr. Governador Civil do Distrito, tendo assistido as autoridades deste concelho e outras entidades.

Casamento
Consoviou-se, ultimamente, na igreja paroquial de S. João de Ponte, deste concelho, o sr. Manuel da Silva Santos, negociante na freguesia de Brito, com a sr.ª D. Rosa Pereira Cardoso, filha do sr. José Pereira,

proprietário da Casa de Requião, da mesma freguesia. Parabéns.

Baptizado
Na igreja da Misericórdia recebeu ontem a água baptismal, a primogénita do nosso amigo sr. Luis Ribeiro Loureiro e de sua ex.ª esposa, tendo recebido o nome de Maria Angelina. Parainfaram o avô paterno, sr. Coronel Luis Pereira Loureiro e a avó materna, ex.ª sr.ª D. Maria Dias Soares Amorim.

Joaquim Fernandes Marques
Deu-nos o prazer da sua visita o nosso estimado contrarrêneo sr. Joaquim Fernandes Marques, da importante firma Martins Pimenta & C.ª, de Santos, Brasil. Agradecemos.

Dr. Mário Dias Pinto de Castro
Na próxima 3.ª-feira passa o aniversário natalício do ilustre clínico e muito digno Sub-Delegado de Saúde, sr. dr. Mário Dias Pinto de Castro, pelo que o felicitamos.

Visita das Autoridades às Termas das Taipas

A convite da Direcção da Empresa Termal das Taipas, visitaram na sexta-feira, as mesmas Termas o Sr. Governador Civil do Distrito e a C. A. da Câmara Municipal, desta cidade. Os visitantes chegaram às 12 horas às Termas, onde foram recebidos pela Direcção, director-clínico e pessoal do balneário, com flores e vivas. Seguiu-se a visita ao estabelecimento balnear e hotel, tendo os Srs. Governador Civil e Presidente da Câmara reconhecido a necessidade da imediata remodelação dos velhos estabelecimentos Termais.

Em seguida realizou-se o almoço no Hotel das Termas, ocupando os lugares de honra o Ex.º Sr. Governador Civil, ladeado pelas Ex.ªs Srs.ªs D. Madalena Jacinto e D. Ana Maria Jacinto e o Ex.º Sr. Presidente da Câmara que tinha a seu lado os Srs. Alberto Costa, vice-presidente da Câmara e Joaquim da Silva Monteiro, vereador.

Seguiu-se a Ex.ª Sr.ª D. Maria Angelina Figueiredo, os Srs. Dr. Alfredo Fernandes, director-clínico, José Jacinto Júnior e António Marinho, directores da Empresa, Capitão Branco, comandante da Polícia de Braga, Dr. A. Abranches, director da Polícia de Investigação Criminal, Augusto Figueiredo e A. Figueiredo Júnior, respectivamente vice-presidente da Assembleia Geral e accionista da Empresa.

A sobremesa brindaram os srs.: Governador Civil saudando nas senhoras presentes a mulher portuguesa; António Marinho agradecendo em nome da Direcção da Empresa a visita e brindando pelo sr. Governador Civil e pela Câmara;

A ex.ª sr.ª Madalena Jacinto agradeceu a saudação do sr. Governador;

O sr. dr. Alfredo Fernandes saudando o sr. Governador Civil, a Câmara, Autoridades presentes e a Direcção da Empresa e pedindo a atenção do sr. Governador e da Câmara para a imediata realização das obras, dispensa de sua atenção aos melhoramentos necessários às Taipas, criação de um posto de assistência aos pobres doentes e restabelecimento do sub-posto da G. N. R.;

O sr. Presidente da Câmara que agradece o convite e promete todo o seu esforço à realização das pretensões da Empresa;

O sr. Governador Civil agradece os brindes, promete atender as solicitações feitas, saúda a todos e brinda pelas prosperidades da Empresa e pelo Distrito de Braga.

Terminado o almoço, foram visitar o parque em construção da Comissão de Turismo, admirando as surpreendentes belezas do Ave.

TIPOGRAFIA

Aluga-se ou vende-se em Vizeu, pelo motivo do falecimento de seu antigo proprietário. Para informações Praça da República, Vizeu. (169)

FALCIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Ana Ferreira Paiva.

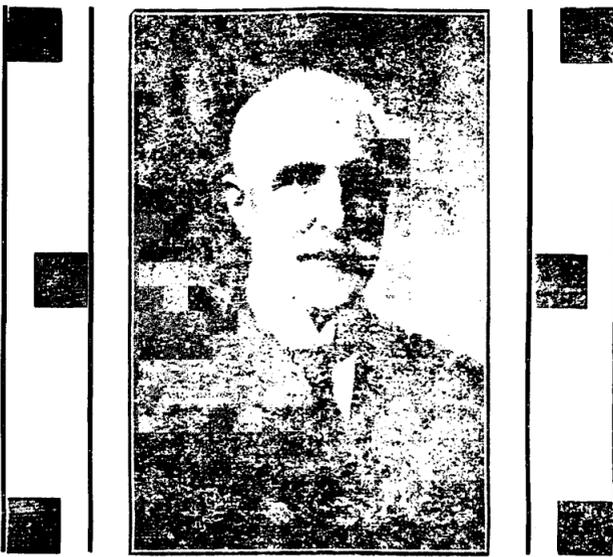
Na sua residência ao Largo da República do Brasil, finou-se no domingo, a sr.ª D. Ana Ferreira Paiva, esposa do Major sr. Joaquim Rodrigues Paiva, mãe do sr. Mário Rodrigues Paiva e cunhada do sr. António Marques Pereira. O seu funeral realizou-se na terça-feira na capela da V. O. T. de S. Domingos com a assistência de muitas pessoas das relações da família. Fez o caixão o sr. capitão Francisco Martins Fernandes. Seguidamente aos officios fúnebres o cadáver foi trasladado, com numeroso acompanhamento, para o cemitério da Atouguia.

A família enlutada apresentamos condolências.

D. Elisa de Jesus Cardoso Roriz.

Na sua residência à rua Gravador Molarinho faleceu na quarta-feira à noite, após dolorosos sofrimentos, a senhora D. Elisa de Jesus Cardoso Roriz, esposa extremosa do nosso bom amigo sr. José de Sousa Roriz, estimado funcionário da secção

Coronel D. João Pedro Peixoto da Silva Bourbon (Lindoso)



No seu Palacete do Largo do Salvador, nesta cidade, faleceu, na madrugada do domingo passado, inesperadamente, o sr. D. João Pedro Peixoto da Silva Bourbon (Lindoso), de 74 anos, coronel, reformado, de engenharia, casado com a sr.ª D. Maria Vitória de Carvalho Daun e Lorena, pai dos srs. dr. António de Bourbon, distinto advogado em Lisboa, e D. Francisco Peixoto Bourbon e das sr.ªs D. Maria Rosa Bourbon de Sommer Ribeiro, D. Maria Inez Bourbon Pinto Basto, D. Maria Vitória Peixoto de Carvalho Bourbon e D. Maria Joana Peixoto de Carvalho Bourbon; sógros dos srs. José de Sommer Ribeiro e Luis Ferreira Pinto Basto; irmão dos srs. D. Joaquim e D. Fernando Bourbon (Lindoso); tio do rev. João de Sampaio Bourbon e dos srs. Gaspar, Fernando e Gonçalo Lindoso e das esposas dos srs. dr. António Amaral e Augusto Ferreira da Cunha Castro. O extinto era filho dos srs. marqueses de Lindoso, e a sua esposa é a ter-

ceira neta do marquês de Pombal. Foi chefe do gabinete do sr. general Vasconcelos Pôrto, quando este sobraçou a pasta de ministro da Guerra, no ministério João Franco, e elaborou diversos projectos de organização do Exército. Possuía várias condecorações nacionais e estrangeiras, entre elas, o officiato da Ordem de Aviz.

O seu funeral que foi muito concorrido, realizou-se na segunda-feira de manhã na igreja da V. O. T. do Carmo onde, desde manhã cedo até à hora do seimento fúnebre, foram rezadas missas do corpo presente.

Após os officios fúnebres foi o cadáver trasladado, com numeroso acompanhamento, para o cemitério Municipal, ficando inhumado no jazigo dos marqueses de Lindoso.

Fez o caixão o irmão do extinto, o sr. D. Joaquim Peixoto de Bourbon (Lindoso). A família enlutada envia o Notícias de Guimarães sentidas condolências.

administrativa da Câmara, mãe das senhoras D. Adelaide Carmina, D. Maria Arminda, D. Ana Augusta e D. Custódia Margarida de Sousa Roriz e do nosso amigo sr. Reinaldo de Sousa Roriz, irmã das ex.ªs sr.ªs D. Ana Júlia do Sacramento Mendes e D. Emilia Cardoso Ribeiro Dantas e cunhada do sr. Domingos de Sousa Roriz.

A saúda extinta encontrava-se doente há já algumas semanas mas, embora lutando com uma pertinaz enfermidade, nada fazia prever um tão rápido desenlace.

Possuía excelentes qualidades que a tornavam muito estimada no nosso meio, motivo porque a sua morte foi muito sentida.

O seu funeral realizou-se ante-ontem às 10 horas na capela da V. O. T. de S. Domingos, com a assistência de muitas pessoas de todas as categorias sociais, funcionalismo, representantes de diversas colectividades civis e religiosas, instituições de beneficência, etc.

Organizaram-se dois turnos, pagando às borlas do atúde os srs.: António José Pereira de Lima, dr. João Rocha dos Santos, dr. Adelino Ribeiro Jorge, António de Freitas Ribeiro, Francisco Ribeiro Martins da Costa e capitão José Maria de Magalhães e Couto.

No (cemitério): José Fernandes Ribeiro Gomes, Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio, António de Sousa Lima, Aprijo Neves de Castro, Manuel Joaquim da Silva e Alvaro Penafort.

Fez o caixão o digno administrador do concelho, senhor tenente Artur da Silva Lameiras.

Após os officios fúnebres foi o féretro trasladado com grande acompanhamento para o cemitério da Atouguia.

A tója a família enlutada e dum modo especial aos nossos amigos srs.: José de Sousa Roriz e Reinaldo de Sousa Roriz, apresenta o Notícias de Guimarães, sentidas condolências.

D. Delfina Amélia Salgado Ribeiro.

Vitima por uma pertinaz doença e após cruciantes sofrimentos, finou-se na quarta-feira, contando apenas 31 anos de idade, a senhora D. Delfina Amélia Salgado Ribeiro, filha extremosa do conceituado industrial sr. Francisco José Ribeiro e de sua esposa a senhora D. Rosa de Jesus Ribeiro e irmã do também conceituado industrial e nosso amigo sr. Jacinto José Ribeiro e tio do nosso amigo sr. Alberto José Ribeiro.

A extinta era possuidora de excelentes qualidades e dotes de inteligência que a tornavam muito estimada no nosso meio, motivo porque a sua morte contristou todas as pessoas que a conheciam.

O seu funeral realizou-se ante-ontem no templo da Misericórdia, perante numerosa e selecta assistência. O féretro via se coberto de muitos bouquets de flores, com sentidas dedicatórias da família e de pessoas amigas.

Fez o caixão o sr. Octávio Machado.

O atúde foi coberto com a bandeira da Juventude Católica Feminina,

de que a extinta fazia parte, e sobre elle foram colocados muitos bouquets de mimosas flores com sentidas dedicatórias.

Organizaram-se diversos turnos, pagando às borlas os srs.: Dr. Adelino Ribeiro Jorge, José Maria de Magalhães e Couto, João Garcia de Almeida Guimarães, José Pinheiro, Benjamim Constante da Costa Matos e Alexandrino Pereira da Costa Guimarães.

Findos os responsos foi o cadáver trasladado com numeroso acompanhamento para o cemitério Municipal.

A tója a família enlutada envia o Notícias de Guimarães as suas condolências.

Também faleceu, vítima da terrível tuberculose, o sr. José da Costa (Mateiro), componente da banda dos Bombeiros Voluntários. O seu funeral realizou-se na quinta-feira, tendo se incorporado o corpo activo dos B. V. e respectiva banda e muitos amigos do faado.

DA CIDADE

Estatuto do Trabalho Nacional - Na sede dos Sindicatos Nacionais dos Ope ários da Indústria Têxtil e dos Manipuladores de Pão do Distrito de Braga (Secções de Guimarães) realizaram-se na quinta-feira sessões comemorativas do 3.º aniversário da publicação do Estatuto do Trabalho Nacional, as quais tiveram numerosa assistência e de correram muito animadas, tendo usado da palavra vários oradores.

OCORRÊNCIAS - Suspeita de Crime - Pela sr.ª Maria Machado, viúva, doméstica e por seu filho Domingos Ferreira de Oliveira, da freguesia de Lordelo, desta comarca, foi participado a G. N. R. que, tendo falecido na referida freguesia Carolina Machado, casada, operária fabril, de 35 anos, filha dos respectivos participantes e presumindo que a morte fôsse causada por envenenamento e tendo a referida guarda, por onde correm as respectivas averiguações participado o caso ao senhor Juiz de Direito da comarca, por esta Autoridade foi mandado fazer a exumação e autópsia ao cadáver da infeliz Carolina Machado. As visceras foram remetidas para o Instituto da Medicina Legal do Pôrto, para aí se proceder ao respectivo exame, a-fim-de se averiguar se houve ou não crime.

Roubo antigo - Esteve nesta cidade o Agente sr. Custódio das Dóres a proceder a averiguações acerca de um roubo de jóias praticado há quatro anos na Póvoa de Varzim.

Abuso de confiança - O nosso amigo sr. José Joaquim Pereira da Costa, funcionário da Secção de Finanças, queixou-se a Polícia contra Custódio Cardoso Guimarães, morador na rua Elias Garcia, por este se ter apresentado em diversos pontos do Concelho e a várias pes-

Sociedade Norténia, L.ª

Praça Carlos Alberto, 110-1.º
Telef. 6414
PORTO
Compra, vende e hipoteca Propriedades.

Sub-agentes: (155)
Gomes Alves, Matos & C.ª
Toural -- GUIMARÃIS -- Telef. 133

CABELOS BRANCOS... SÓ OS TEM QUEM QUER

A LOÇÃO MIN-HOR devolve a côr primitiva aos cabelos brancos sem pintar.
A LOÇÃO MIN-HOR não é uma tintura, mas sim um excelente tónico do cabelo.
A LOÇÃO MIN-HOR destroi a caspa e os micróbios que prejudicam o cabelo e o fazem cair.
A LOÇÃO MIN-HOR dá por si só brilho e vigor ao cabelo, perfumando-o agradavelmente, dispensando por isso o uso de brilhantinas e pomadas.
A LOÇÃO MIN-HOR vende-se em tóda a parte a 15 escudos cada frasco.

Festas e diversões

Romaria de S. Mateus
Na freguesia de Gonça realiza-se hoje, como já noticiamos, a Romaria de S. Mateus que costuma ser muito concorrida por gente do nosso concelho e de outros limítrofes. Haverá além das solenidades religiosas que constarão de missa cantada, sermão, Procissão, etc., um arraial com música, fogo, etc. O local estará vistosamente ornamentado e durante o dia haverá carreiras de caminhetais entre esta cidade e o mesmo local.

Da Polícia - Queixou-se a polícia Manuel Pereira, casado, morador na Rua D. João I, desta cidade, contra Custódio da Silva, sapateiro, morador no lugar do Montinho, freguesia de Creixomil, por este o tentar agredir à facada. A queixa foi enviada a juizo.

Domingos Pereira, casado, sapateiro, morador na rua de Traz de Gaia, queixou-se contra João Pinto, solteiro, operário fabril e Tereza da Silva, casada, também operária fabril, da mesma rua, por danos e insultos.

Maria de Sousa, casada, doméstica e Balbina Pereira, solteira, doméstica, moradoras no lugar de Alvim, freguesia de Caldeias, deste concelho, queixaram-se contra Tereza Tarana, casada, sardineira, do lugar das Lameiras, da mesma freguesia, por insultos.

INSTRUÇÃO - Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda» - Até ao próximo dia 10 de Outubro podem-se ainda matricular, na Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda» os alunos que desejem frequentar o mesmo estabelecimento de ensino, mediante a multa respectiva de 4.000.

Reunião de um Curso Teológico - Reuniu-se na quarta-feira, nesta cidade, o curso teológico dos anos de 1899 1901 de que fazem parte os ilustrados sacerdotes vimeiranos e nossos bons amigos srs.: Padres Alfredo Correia e António Costa Guimarães. Foi celebrada de manhã na Basílica de S. Pedro, uma missa por alma dos Prelados, professores e condiscipulos falecidos, após o que se realizou uma rápida visita aos nossos Museus e Monumentos. Seguidamente teve lugar na linda Estância da Penha um almoço de confraternização, que decorreu muito animado.

Orfeão de Guimarães - Reomeçam amanhã, segunda-feira, às 21,30 horas, na respectiva sede à rua de Camões e sob a hábil regência do sr. Filinto Nina, os ensaios deste excelente grupo coral.

Incêndio - Ontem, às 12 horas, houve principio de incêndio, num prédio à rua Egas Moniz, com o número de polícia n.º 53. Os bombeiros compareceram rapidamente.

Cobrança do imposto de trabalho - A C. A. da Câmara, deliberou abrir o cofre municipal, desde o dia 15 de Outubro a igual dia do mês de Novembro do corrente ano, para a cobrança do imposto de Trabalho, lançado nas freguesias da cidade.

Crónicas de Férias - Por absoluta falta de espaço não nos é possível transcrever hoje um artigo que, sob o título de nos serve de epigrafe, publicou há dias o nosso presado colega «Correio do Minho», da autoria do nosso querido amigo Sr. Mário Menezes, o qual se encontrava já composto e será publicado para a próxima semana.

Orfeão de Guimarães - Reomeçam amanhã, segunda-feira, às 21,30 horas, na respectiva sede à rua de Camões e sob a hábil regência do sr. Filinto Nina, os ensaios deste excelente grupo coral.

Incêndio - Ontem, às 12 horas, houve principio de incêndio, num prédio à rua Egas Moniz, com o número de polícia n.º 53. Os bombeiros compareceram rapidamente.

Cobrança do imposto de trabalho - A C. A. da Câmara, deliberou abrir o cofre municipal, desde o dia 15 de Outubro a igual dia do mês de Novembro do corrente ano, para a cobrança do imposto de Trabalho, lançado nas freguesias da cidade.

Crónicas de Férias - Por absoluta falta de espaço não nos é possível transcrever hoje um artigo que, sob o título de nos serve de epigrafe, publicou há dias o nosso presado colega «Correio do Minho», da autoria do nosso querido amigo Sr. Mário Menezes, o qual se encontrava já composto e será publicado para a próxima semana.

Orfeão de Guimarães - Reomeçam amanhã, segunda-feira, às 21,30 horas, na respectiva sede à rua de Camões e sob a hábil regência do sr. Filinto Nina, os ensaios deste excelente grupo coral.

Incêndio - Ontem, às 12 horas, houve principio de incêndio, num prédio à rua Egas Moniz, com o número de polícia n.º 53. Os bombeiros compareceram rapidamente.

Cobrança do imposto de trabalho - A C. A. da Câmara, deliberou abrir o cofre municipal, desde o dia 15 de Outubro a igual dia do mês de Novembro do corrente ano, para a cobrança do imposto de Trabalho, lançado nas freguesias da cidade.

Crónicas de Férias - Por absoluta falta de espaço não nos é possível transcrever hoje um artigo que, sob o título de nos serve de epigrafe, publicou há dias o nosso presado colega «Correio do Minho», da autoria do nosso querido amigo Sr. Mário Menezes, o qual se encontrava já composto e será publicado para a próxima semana.

Orfeão de Guimarães - Reomeçam amanhã, segunda-feira, às 21,30 horas, na respectiva sede à rua de Camões e sob a hábil regência do sr. Filinto Nina, os ensaios deste excelente grupo coral.

DESPORTO

Vitória 5 — Beira-Mar 2

O Beira-Mar, de Aveiro, foi o segundo grupo que nos visitou esta época, e proporcionou à assistência que ocorreu a Benlhevai, uma partida animada e com relativa classe, atendendo aos defeitos e falhas que os jogadores acusam, sem poderem por isso, dar rendimento em boa medida a pouco tempo ainda das férias obrigatórias. Assim, vê-se a miúdo pontapés falheiros sem calculo de distância e fôrça, passagens a tôa, e determinada prisão de movimentos que peiam os mais esforçados e animosos.

A primeira parte, foi a peor do encontro, porque, os esforços não traduziram uma coesão perfeita, que evitasse ao espectador entendido, erros de colocação e de passagens de bola, que originaram, por vezes, as avançadas serem desenvolvidas no meio duma embrolhada aborrecida. A não ser os pontos conseguidos, e um pontapé de Bravo a parecer goal, por a bola ter atravessado as redes pela parte lateral esquerda, em virtude das suas más condições,— para isso pedimos a atenção dos gerentes do grupo local —, nada mais existiu digno de relêvo.

A segunda parte foi melhor. O Vitória conseguiu melhor entendimento, e jogadas houve de merecido aprêço, conseguindo por isso, em determinada altura, depois da 3.ª bola, um domínio acentuado de que os visitantes dificilmente se livraram.

O Vitória apresentou um novo defesa-esquerdo, Alcindo, ex-jogador do Ponte de Lima. Alto, relativamente forte, predicados superiores para o lugar que ocupa, mas falta-lhe outros elementos também essenciais; pontapé bem dirigido e isento de falhas, colocação respectiva e adequada ás feições diversas, que o jôgo constantemente altera. Pouca velocidade, movimentos lentos, decisões ao relenti, desabonam a sua pretensão para ser desde já, o defesa-esquerdo do grupo d'honra do Vitória. Defeitos contudo susceptíveis de serem ablatos totalmente, depois de treinos aturados e consecutivos. Por agora, não deve ser o back desejado para o Vitória.

Dos outros componentes do grupo, alguma coisa há a reparar, além dos defeitos de conjunto já mencionados: — Ricoca teve culpa no primeiro goal que sofreu, por a estirada ser tardeira demais, para deter e impedir o goal. A principiantes, seria desculpável... Lima, perdeu o controle que tinha na fôrça e direcção do seu esplêndido pontapé. Algumas passagens que fez sem êxito, de-

vem-se à falta dessa direcção. Jogou ainda com violência bem dispensável, adulterando o ambiente amigável do jôgo, e dando aso, por isso, a ser imitado por outros companheiros da equipe. O foot-ball assim, perde imenso, e no dizer dum espectador — «ali não se trocam beijos» —, mas sobretudo, devemos evitar que os desafios se transformem em corridas de toiros de morte, ou à sua semelhança!...

Zeferino, adocentado, agüentou se bem. José Maria enquanto o fôlego o não traíu, desempenhou bem o seu papel. As suas extraordinárias habilidades são diminuídas por esse mal, e por abusar demasiado do personalismo. Bravo bom. Vergilio destreinado. Clemente regular. Pantaleão esforçado. Laureta II melhor que Constantino.

Dos visitantes; Dionísio (keeper do Boavista) não desmereceu do seu nome. Teve defesas de valor e as bolas que consentiu, todas elas eram difíceis de impedir a sua marcação. O extremo-esquerdo fez-se notar também pela sua classe. Toda a linha avançada soffre da lentidão do avançado centro. Gordo demais para esse lugar. A linha intermédia fraca e os defesas bons a despachar à vontade, carregados poucas vezes se portaram dignos de louvores.

O primeiro goal do Vitória foi marcado por Clemente aos 30 minutos de jogo inicial. Pantaleão teve uma notável cota parte na obtenção desta bola. Sem a marcação inteligente do defesa adversário, impedindo a sua intervenção, Clemente, não poderia visar as redes à vontade e com fôrça. Clemente atirou bem, mas Pantaleão fez o melhor: conseguiu o caminho livre.

O 1.º goal do Beira-Mar, chutado de viés por a meia ponta-esquerda, aninhou-se no fundo das redes, embora Ricoca lhe tivesse tocado levemente.

O 2.º goal dos locais, nasceu duma troca de passagens e boas desmarcações entre Pantaleão e Clemente, o chutador sem possibilidade de defesa.

O 3.º de autoria de Pantaleão, proveniente duma forma exemplar de técnica. Amorteceu uma passagem a meia altura de Laureta II com o pé direito, e chutou rapidamente com o esquerdo, confundindo o guarda-redes.

O 4.º é da finalidade que Clemente deu a um bom trabalho da asa esquerda.

A 2.ª bola dos visitantes, tem origem num erro de Machado e que Ricoca não pôde evitar.

O 5.º goal, foi devido a um avanço destacado de Laureta II, que atirou forte; Dionísio não bloca e Pantaleão atento à jogada intervem, marcando.

O Vitória alinhou: Ricoca, Jaime, Alcindo na primeira parte, depois Machado. José

Maria, Zeferino e Lima. Constantino, (na segunda parte Laureta II) Pantaleão, Clemente, Virgilio e Bravo.

Almeida Ferreira.

MENDES & OLIVEIRA, L.ª

Faz público que por escritura de 22 do corrente lavrada no cartório do notário desta cidade dr. Manuel de Freitas Bravo de Faria, foi constituída entre João Mendes de Oliveira e António Mendes, uma sociedade por quotas de responsabilidade limitada, a qual se regerá pelo disposto nos artigos seguintes:

1.º Esta sociedade adopta a firma «MENDES & OLIVEIRA, LIMITADA», com sede na rua de Gil Vicente números 61, 63 e 65, desta cidade.

2.º A duração é por tempo indeterminado, e o seu começo se contará desde o próximo dia um de Outubro do corrente ano.

3.º O seu objecto é a exploração do comércio de mercearia, podendo de futuro ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem.

4.º O capital social é de vinte mil escudos, subscrito por ambos os sócios em partes iguais, e acha-se inteiramente realizado.

5.º Os sócios farão à sociedade os suprimentos que ela careça, os quais vencerão um juro igual ao estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos, e não querendo os sócios fazê-lo, a sociedade poderá recorrer ao crédito extranho.

6.º Nenhum dos sócios pode ceder a sua quota sem o prévio consentimento do outro sócio, excepto se fizerem a cedência a favor dos filhos ou cônjuge do cedente.

7.º A gerência fica a cargo de ambos os sócios, competindo a ambos êles a caixa, ao sócio António Mendes as compras e vendas e ao sócio João Mendes de Oliveira a escrita, podendo, por isso, qualquer dêles usar da firma social mas somente nos negócios da sociedade e nunca em favor de terceiros.

8.º A escrita estará sempre em ordem e em dia, podendo tanto esta como a caixa ser verificada a todo o tempo.

9.º Em 31 de Dezembro de cada ano se dará um balanço, que deverá estar aprovado e assinado até ao fim de Janeiro seguinte.

10.º Os lucros líquidos apurados, depois de deduzidos cinco por cento para fundo de reserva enquanto este se não achar realizado ou sempre que for preciso reintegrá-lo, serão divididos por ambos os sócios em partes iguais.

11.º As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência, pelo menos, de quinze dias, salvo os casos para que a lei exige outra forma de convocação.

12.º No caso de dissolução da sociedade por mútuo acôrdo, ambos os sócios serão liquidatários e o estabelecimento será adjudicado àquele que mais vantagens oferecer, ou farão a sua partilha por qualquer outra forma que mais lhes convenha.

13.º No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, a sociedade po-

derá continuar com o sobrevivente ou capaz e com os herdeiros do falecido ou com o interdito legalmente representado, se a um e a outros assim convier. Se, porém, não houver este acôrdo a sociedade ficará dissolvida e o estabelecimento será adjudicado ao sócio sobrevivente ou capaz que pagará aos herdeiros do falecido ou ao interdito devidamente representado, tudo o que ele tinha na sociedade, segundo o último balanço e o mais que desde então acrescêra à sua conta corrente, vencendo o juro de oito por cento contado da data desse balanço até ao seu pagamento, que deverá efectuar-se em quatro prestações iguais e trimestrais contadas do dia em que se dê esse falecimento ou interdição, salvo se a êle não convier essa adjudicação, porque nessa hipótese a partilha se efectuará nos termos gerais de direito.

14.º A sociedade manter-se-há em pleno vigor, se dentro de três meses a contar da data do falecimento ou da data em que transitou em julgado a sentença que decretou a interdição não seja notificado o desacôrdo entre os interessados.

15.º Em todo o omissão regularão as disposições da lei de onze de Abril de mil novecentos e um, e mais legislação aplicável.

Guimarães, 25 de Setembro de 1936.
O Notário, (176)
Manuel de Freitas Bravo de Faria.

ADUBOS

Para todas as culturas

Cereais, Vinhas, Trigo, Centeio, Batatas, Leguminosas, Arvores de Fruto, etc.

Pedidos ao Agente e Depositário da Sociedade Adubos Norte, L.ª
Rua de S. Dâmaso, 65 a 67 GUIMARÃIS

COLEGIO DUBLIN (para meninas)

Travessa do Carmo -- BRAGA -- Telefone n.º 273

Bons resultados obtidos nos exames de admissão ao Liceu e Curso liceal. Recebe alunas internas, semi-internas e externas, para as classes, infantil, instrução primária, admissão ao Liceu e Curso Geral do Liceu (6.º ano). Piano, pintura, trabalhos manuais e conversação francesa. Está aberta a matrícula para o próximo ano lectivo que principia a 7 de Outubro.

EXUMAÇÕES DO PASSADO

(Quadros sinópticos da História Vimaranesa)

Capelas

De Santo Estêvão

Tal petição foi deferida, a 24 de Outubro daquele acima referido ano de 1799, reinando D. Maria I, de cuja chancelaria consta o que dizemos (Liv. 16 f.º 357 da Torre do Tombo).

Todavia, juntamente com esta petição, foi enviada ao mesmo Desembargo do Paço, uma outra requerendo autorização para se proceder a obras inadiáveis na colegiada. S. Magestade, por carta datada de Queluz, respondeu nos seguintes termos: *Hei por bem, imitando os meus augustos predecessores que sempre consideraram essa antiquíssima colegiada com respeito, piedade e munificência, deferir benignamente pelos decretos que nesta data são expedidos à Mesa do Desembargo do Paço, e quanto a outra súplica respectiva ás maiores obras que V. S.ª tem proposto construir no antigo templo da mesma colegiada, tendo presente o que há anos ordenei a este respeito, fica V. S.ª informado que no dito tempo, nem em todo, nem em parte deverá construir-se obra alguma que emende nem altere a venerável antiguidade que nela há posto que se represente com as irregularidades e acanhamentos que as idéias particulares ainda*

zelosamente sabem pesar; que somente deverá consentir-se e antes promover-se com actividade e prontidão toda a obra que necessário for para reparação e fortificação do que, desde a antiguidade, estiver construído, sem alterar. Não empreguem em obras aparatosas, que se escusaram por espaço de 600 anos, as grandes somas que essas obras haviam de consumir, que poderão aliás empregar-se em outros objectos mais necessários e úteis à Religião Católica, ao meu serviço e ao Público em comum benefício dos Fieis e dos Vassallos (Liv. 132 do Ministério do Reino, da Torre do Tombo).

Ora já no ano de 1771 quando se tratou de fazer a nova casa capitular da colegiada, na Praça de N. S. da Oliveira, o D. Prior da mesma escreveu de Lisboa ao seu Cabido comunicando-lhe que a planta para esta obra assuada por êle já tinha sido aprovada por S. Magestade e que se devia meter dentro da igreja da colegiada a capela de Santo Estêvão, o que dependia da informação pedida ao cônego António Rebelo e sobre o qual assunto tinha também falado ao marquês de Pombal, esperando obter para essa obra a concessão da pedra da torre da ermida de N. Senhora da Guia.

Parece que esta concessão não foi logo deferida, mas em 21 de Julho de 1777, segundo se lê no liv. 257, salvo erro, do Ministério do Reino, da Torre do Tombo, onde se diz que a autorização somente foi dada para tirar alguma pedra à altura do muro, sendo

depois tudo terraplanado, ficando contido a porta da torre com a altura proporcionada para entrar nela uma carruagem, obra esta que estaria pronta dentro de um ano sob pena de, no caso de não se realizar, no prazo indicado, os pretendentes apresentarem fiador. Assim, foi por isto, que o restante até ao chão foi derrubado em 1790 com autorização régia, é claro, por o cabido ter resolvido nesse ano construir as acomodações para o seu cartório e onde pudesse cômoda e decentemente tratar dos negócios da sua corporação. Para tal fim comprou também o Cabido umas casas velhas e arruadas, pertencentes a Gualter Costa e sua mulher, situadas junto do claustro da igreja-colegiada. Derrubadas estas casas, fez-se a nova construção no vão e terrenos por êles occupados. Possuía esta capela um altar que a testadora mandara que fosse posto junto da sepultura que o Cabido lhe tinha dado.

Durou esta capela 381 anos, pois em 1752 foi demolida. A instituição desta capela consta do respectivo Tombo ordenado pelo dr. Tomé Pinheiro da Veiga.

De N. S. da Consolação

Deven esta capela a sua origem a Baltazar Fernandes Sodré, cavaleiro fidalgo que a mandou edificar no lugar do Codeçal no ano de 1573 e que seria muito bem feita com o seu alpendre e patim, devendo ter um retábulo muito bom e dourado. Já nos anos anteriores

as justiças e governanças da vila tinham andado a pedir para construírem esta capela e nunca se pôde haver feito esta obra por não haverem emolmas para isso. Por tal motivo solicitou o dito Sodré licença ao rei e em seguida ao arcebispo de Braga para a fazer toda à sua custa, muito bem acabada, à qual havia de deixar renda para nela se dizerem duas missas rezadas perpetuamente; uma às quartas feiras e outra aos sábados, fazendo-se uma festa annual a N. Senhora, no dia da sua nascença que é em Setembro.

Em 3 de Dezembro de 1575 fez o fundador desta capela o seu testamento, chamando para este efeito à sua casa, na Rua Nova do Muro, o juiz ordinário e o tabelião Cosme do Canto. Feito o testamento, foi este fechado e selado com 7 selos de cera branca. Estava escrito em 6 folhas de papel da lei.

Porém a capela ainda não estava acabada quando êle faleceu em 1 de Maio do ano seguinte, isto é, em 1576, deixando ao seu filho único mas ilegítimo o cargo de a concluir. Chamava-se este Francisco Sodré da Penada havido em mulher nobre. Baltazar Fernandes Sodré era solteiro.

No dia do óbito compareceram em sua casa aqueles juiz e tabelião e o comendador Pedro Rodrigues de Andrade aos quais Gonçalo Pires Mouco Vaz, irmão do falecido, entregou o testamento para o abrir. Dizia êle no dito documento — depois de feita a sua profissão de fé — que dotava a re-

ferida capela com 600 réis impostos nas casas em que servia e lhe foram deixados pelo pai, determinando que o seu corpo fosse enterrado no convento de S. Francisco no lugar que parecesse ao guardião do convento a quem se dariam 20 cruzados; que tinha ali jazigo, na capela de Pedro Álvares de Almada, mas não queria que nele o enterrassem, que o acompanhassem os frades e os clérigos da vila aos quais se lhes pagará o que é de uso e costume: doze obradas de pão e vinho, pescado e carneiro; que no seu enterro não figurassem mais de 12 tochas e no dia seguinte ao da sua morte lhe dissessem missas gerais pela alma, todos os clérigos que houvessem na vila e no convento de S. Francisco, dando-se-lhes a esmola de dois vinténs e cera para os altares e mandava mais que no 9.º dia se celebrassem 40 missas, por êle, sendo 15 ditas pelo clero da vila, outras 10 pelos de S. Domingos, e 2 tochas em cada altar e se dessem aos pobres 50 mil réis e aos presos pobres da cadeia de cá de baixo e aos do castelo um cruzado a cada um bem como a cada um dos 5 hospitais da vila, que a minha irmã, Izabel Fernandes — dizia êle no testamento — leve para si tôdas as minhas pratas saieiros, relicários, jóias e tôdas as outras peças de prata e ouro para ajuda do casamento da filha, que se desse a 6 homens e 6 mulheres pano azul ou anilado e sapatos, sendo o pano do Alentejo e que não se gaste em cada covado mais de

dois mil réis, que o petiz preto de 5 anos não pode ser vendido e que se o seu filho falecer ou não estiver contente com o serviço dele, entregue aos frades de S. Francisco; além destas disposições testamentárias, ainda legou àquela sua irmã e viúva, mais dez cruzados (Liv. 25 f.º 16 das capelas da Corôa, da Torre do Tombo).

Quando fez este testamento ainda não tinha colocado na capela o retábulo que trouxera do Pôrto, pois encontrava-se depositado em casa de Manuel Delgado, artista encarregado do douramento da capela, para a qual deixou um cálix, alguns paramentos e um frontal para o altar-mór. Não queria que se ficasse a dever nada e por isso deixou mil cruzados para tôdas as despesas.

Este Baltazar era muito rico pois tinha grandes negócios em Lisboa conforme o diz no mencionado testamento, declarando que *lhe haviam sido enviadas 33 caixas de açúcar, sendo 27 do branco, 6 do mascavado e 60 sacas de algodão, que o intermediário, mestre da nau já tinha vendido.*

Para a manutenção desta capela dou-lhe também o casal do Castro que possuía em Gandarela, freguesia de S. Clemente, e outros bens vinculados com encargos pios que deviam ser cumpridos nesta capela.

Foi desta capela que se originou a magnífica igreja que ali vemos e da qual falaremos.

P.ª Alberto Gonçalves.